

# METODOLOGIA

---

## RECONSTRUÇÕES METODOLÓGICAS DE PROCESSOS DE INVESTIGAÇÃO SOCIAL (\*).

---

JOSE JEREMIAS DE OLIVEIRA FILHO

da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

“Quand il se présente à la Culture scientifique, l'esprit n'est jamais jeune. Il est même très vieux, car il a l'âge de ses préjugés. Accéder à la science, c'est, spirituellement rajeunir, c'est accepter une mutation brusque qui doit contredire un passé”.

Gaston Bachelard,  
*La Formation de l'Esprit Scientifique.*

“En toutes circonstances, l'immédiat doit céder le pas au construit.”

Gaston Bachelard,  
*La Philosophie du Non.*

### I

A metodologia das ciências sociais tem sido uma das preocupação de sociólogos, antropólogos, psicólogos sociais, cientistas políticos e filósofos. Recentemente, inúmeras revistas e congressos têm reunido os atuais especialistas em metodologia ou filosofia das ciências sociais, registrando-se grande avanço das investigações nesta área (1). Entre

---

(\*) — Este trabalho foi apresentado na Mesa redonda de “Epistemologia” da 28ª reunião da S.B.P.C., em Brasília (Julho de 1976), de que participou o autor com os professores Gerard Lebrum e Battro; mesa patrocinada pelo Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência da UNICAMP.

(1). — Surgiram, nos últimos anos, revistas especializadas em metodologia das ciências sociais e históricas: *Epistémologie Sociologique*, *Cultural Hermeneutics*, *Philosophy of the Social Sciences*, *Theory and Decision*, *History and Theory* e *The Human Context*. Revistas de filosofia da ciência como *The British Journal for the Philosophy of Science*, *Inquiry*, *Philosophy of Science*, e outras de menor importância, têm publicado freqüentemente artigos nesta discipli-

os temas que estão sendo investigados em metaciência social, especificamente, e em outras metaciências com aplicação às ciências sociais, têm ocorrido tentativas no sentido de elaborar programas de investigação abrangentes que permitam subprogramas de trabalho que têm sido denominados diferentemente de “metateoria”, “modelos epistemológicos”, “metasociologia”, “metapolítica” (2). Observamos, assim, um renascimento da preocupação filosófica interna às ciências sociais como catalisadora do seu progresso, a ponto de Deutsch assinalar as fases empírica e filosófica das ciências sociais como seqüentes na história destas ciências (3), quando ocorrem, respectivamente, o desenvolvimento tecnológico da pesquisa social e a investigação reorientadora dos princípios, hipóteses, e objetivos a partir da análise dos fundamentos lógicos, epistemológicos e ontológicos de teorias e técnicas.

O presente trabalho busca colaborar com o estado atual das investigações metodológicas que se encontram em seu primeiro estágio em nosso país, pretendendo estabelecer uma estratégia de investigação em metodologia teórica das ciências sociais, a que se pretende dar posteriores desenvolvimentos.

---

na. Inúmeras coletâneas editadas recentemente efetuam um levantamento do estado atual das investigações e polêmicas metodológicas: Leonard I. Krimerman, *The Nature and Scope of Social Science*, New York, 1969; Alan Ryan, *The Philosophy of Social Explanation*, Bristol, 1973; Dorothy Emmet e Alasdair Macintyre, *Sociological Theory and Philosophical Analysis*, New York, 1970; May Brodbeck, *Readings in the Philosophy of the Social Sciences*, Londres, 1968; Llewellyn Gross, *Symposium on Sociological Theory*, Illinois-New York, 1959; Hans Albert, *Theorie un Realität*, Tübingen, 1972; Ernst Topitsch, *Logik der Sozialwissenschaften*, Colonia, 1972; Adorno e outros, *Der Positivismusstreit in der deutschen Soziologie*, Berlin, 1969; (tradução espanhola da Grijalbo de Barcelona); Apel, Bormann, Bubner, Gadamer, Giegel, Habermas, *Hermeneutik und Ideologiekritik*, Frankfurt, 1973; Jürgen Habermas e Niklas Luhmann, *Theorie der Gesellschaft oder Sozialtechnologie*, Frankfurt, 1971; ainda sobre a polêmica de Habermas e Luhmann foram publicados dois livros em 1973 e 1974, *Theorie der Gesellschaft oder Sozialtechnologie, Supplement 1, 2*, em Frankfurt; Robert Borger e Frank Cioffi, *Explanation in the Behavioural Sciences*, Cambridge, 1970, (tradução espanhola da Aliança Editorial de Madrid, 1974, de uma seleção de textos); Patrick Gardiner, *Theories of History*, Londres, 1959, (tradução portuguesa da Fundação C. Gulbekian, Lisboa, 1969); Sidney Hook, *Philosophy and History*, New York, 1963; William H. Dray, *Philosophical Analysis and History*, New York, 1966; Maria Beatriz Nizza da Silva, *Teoria da História*, São Paulo, 1976; Bryan Wilson, *Rationality*, Oxford, 1970; G. N. Vesey, Peter Winch, P. L. Gardiner, Albrecht Wellmer e outros, *The Proper Study*, Royal Institute of Philosophy, Lectures, Volume 4, 1969-70, Londres, 1971; John O’Neil, *Modes of Individualism and Collectivism*, Londres, 1973; Hans Albert e Ernst Topitsch, *Werturteilsstreit*, 1971; Juha Manninen e Raimo Tuomela, *Essays on Explanation and Understanding*, Dordrecht-Holanda e Boston-E.U.A., 1976.

(2). — Tais termos têm ocorrido, inclusive em títulos de livros. Por exemplo: *An Introduction to Metapolitics*, de A. James Gregor, 1971.

(3). — Karl W. Deutsch, *The Nerves of Government*, N. Y., 1963, cap. 1.

Como todas as disciplinas científicas, as ciências sociais possuem objeto, métodos e finalidades específicos. A natureza do objeto permitirá respostas às indagações a respeito dos procedimentos de conhecimento e do que se conhece nas ciências sociais, conforme um enfoque epistemológico mais em função da especificação de determinado modo de relação entre as posturas clássicas racionalistas e empiristas da teoria do conhecimento científico, do que serem tais posturas exclusivamente assumidas. A indagação metodológica abordará determinado estágio da história das ciências em questão, sendo estas consideradas *a posteriori* quanto à investigação de seus fundamentos, a estrutura da sua atividade, respeitadas as reestruturações constantes sempre imprevisíveis ante delimitações aprioristas da racionalidade científica. As ciências sociais apresentam-se, deste modo, como *produto e processo* de uma atividade historicamente constituída.

Duas “leituras” poderão ser realizadas a tal respeito — a consideração estrutural ou sincrônica e a genética ou diacrônica. A primeira privilegiando determinado “momento” da história de uma ciência, efetuando um levantamento da linguagem científica em termos de sintaxe e significado, o processo sendo obtido como resultante de “momentos” estruturais, efetuada a delimitação da *extensão* conforme a natureza da disciplina científica. A segunda “leitura” tentando apreender a estrutura do conhecimento científico através da gênese histórica dos conceitos, teorias, explicações e técnicas científicas, o que redundará numa história da ciência que não estará retida numa concepção linear, necessariamente. Existe a possibilidade da história, quando abordada a partir do presente, mostrar-se em segmentos tornados descontínuos pela instauração de novas problemáticas científicas, reconstruídas metodologicamente *a posteriori*. Conseqüentemente, é a segunda “leitura” de possível combinação com a primeira, o que pode ser constatado na tradição da filosofia da ciência constituindo-se em teoria da história da ciência, conforme atestam as obras de Bachelard, Canguilhem e outros autores da escola racionalista francesa, como também na corrente analítica, representada por Hanson, Kuhn, Lakatos e pela escola sueca, de que participa Radnitzky.

Os cientistas sociais distinguem estas duas “leituras”, quando exercidas na elaboração das teorias da sociedade, usando termos relativos a “níveis” e termos relativos a “etapas” ou “estágios”. Para estes especialistas, é possível investigar a formação e estrutura do conhecimento científico como produção simbólica e suas trocas com outras representações simbólicas e com práticas do contexto social.

As duas “leituras” citadas poderão ser conjugadas através da abordagem dos *pressupostos racionais* da atividade científica das ciências sociais, o que, *mutatis mutandis*, atingirá tanto a elaboração das teorias

quanto das técnicas de operacionalização. O levantamento de tais pressupostos manifesta-se através de uma crítica da sociologia que se afirma imediata, isto é, em termos epistemológicos, a que não estabelece diferença entre o conteúdo da percepção e os objetos do conhecimento, desconhecendo as atividades seletivas e organizatórias da razão na intervenção polêmica da ciência sobre os objetos reais, na construção de uma atividade que historicamente se instaura como o objeto científico, de provisória permanência e reestruturável a cada “momento” em que novos problemas venham a ser instaurados. Hipóteses, conceitos, teorias e técnicas acompanham dinamicamente o fluxo do objeto real, cujas significações se constroem, socialmente, como tarefa das comunidades científicas. Constroi-se a atividade científica em segundo nível, a despeito do objeto real, a vida cotidiana dos homens, pela transformação racional deste em um produto que virá a se tornar discurso científico. Pode-se dizer que duas são as condições da atividade do cientista social — a existência dos objetos concretos, a realidade social objetiva a ser investigada (a condição ontológica); e a construção da ciência social, do seu sistema de hipóteses, conceitos e teorias (a condição lingüística). A metodologia, como investigação específica, terá por objeto a linguagem das ciências sociais, constituindo-se em sua metateoria (a condição metalingüística). Os sistemas teóricos da sociologia expressam uma ontologia social restrita, isto é, dizem, de algum modo, da natureza do social.

## II

A problemática teórica que se constitui, para a metodologia, ao nível dos *pressupostos* da atividade sociológica, implica em *decisões*. A consideração dessas decisões apenas como questão de “neutralidade axiológica” (4), como assinalou Weber (e toda uma tradição da sociologia do conhecimento ao se referir à inserção social da ciência, classificada entre gêneros e espécies de conhecimento por critérios socialmente dados como fazem Scheler, Manheim e Gurvitch), não pode impedir a consideração da espinhosa questão da objetividade científica

---

(4). — P. Bourdieu, J. C. Passeron, J. C. Chamboredon, en *Le Métier de Sociologue*, Paris, 1968, vol. I, chamam a atenção para o fato de que “o debate sem fim sobre a “neutralidade axiológica” serve muitas vezes para substituir a discussão propriamente epistemológica sobre a “neutralidade metodológica” das técnicas, o que consideram como “ilusão positivista”. Tal postura que, saliente-se, não ocorre apenas com respeito às técnicas, impede uma crítica da “teoria do conhecimento sociológico” que está comprometida com os atos “mais elementares da prática” da investigação (pág. 68). Pela ênfase nas valorações e normas externas, adia-se, constantemente, o confronto metodológico e, como consequência, a própria retenção destas avaliações e normas, base das decisões, na textura interna do próprio discurso.

nas ciências sociais em termos da problemática teórica, de conceitos e pressupostos racionais, a constituição interna da racionalidade científica.

As decisões que instauram as construções científicas não ocorrem apenas entre valores e por intermédio de valorações, para sermos redundantes, mas ao nível racional da ordenação do “cosmo” instaurado pela atividade científica, e igualmente, não se apresentam como imediatamente apreendidas, é óbvio, pela receptividade do sujeito; operam com progressiva *descentração* psicológica e social, com objetividade jamais alcançada, porém nem por isso menos pretendida, em sucessivas aproximações da racionalidade ativa que se pretende qualquer atividade científica. A objetividade é entendida, assim, como limite ao qual se tende e a que nunca se chega terminantemente.

### III

A ciência social que se constrói terá de efetuar a sua “polêmica” contra duas classes de entidades. Em primeiro lugar, as entidades lingüísticas, produto das atividades científicas anteriores, as investigações que se apresentam agora como discursos acabados exercidos sobre uma realidade social ausente ou parcialmente presente. Podemos dizer que o “real” que agora se apresenta, não está mostrado, porém “*demonstrado*” através de um processo que apenas o identifica enquanto o constrói, conforme o máximo relativo de explicação aceito na comunidade científica historicamente dada, o que argumenta a respeito de uma complexidade que nas ciências sociais nunca é a mesma, com mais ênfase, talvez, que nas ciências empíricas naturais e nas ciências formais. Em segundo lugar, as relações do sistema lingüístico com os eventos sociais, as entidades sociais concretas, (ações sociais, relações sociais, instituições sociais, fatos sociais. . .) são realizadas através da tecnologia da pesquisa social (os métodos e as técnicas). A *extensão* da atividade científica é segmentada em conjuntos de eventos sociais discriminados teoricamente que são investigados pelas ciências sociais, a que denominaremos *universo de pesquisa*. Ao conjunto dos universos de pesquisa denominaremos de *universo de disciplina* (por exemplo: sociologia, antropologia, economia política).

### IV

Estivemos, até aqui, pressupondo a distinção entre os chamados problemas sociais e a problemática científica da ciência social. O objeto real transformado em objeto de conhecimento científico torna-se um produto trabalhado pela atividade de investigação, conforme determinado conjunto de pressupostos racionais, algumas vezes em total obscuridade significativa para o investigador; de outras, trazidos à ra-

ção científica, instaurados e trabalhados com instrumentos teórico-metodológicos, tornados mais conseqüentes para a atividade científica. A consideração de um projeto de pesquisa teoricamente orientado evita que a experiência cotidiana dos homens comuns seja confundida com a experiência instaurada cientificamente que sobre ela se exerce no desvendar de suas estruturas e processos.

V

Os objetos sociais já se apresentam ao investigador interpretados ao nível da significação intersubjetiva (5) que os agentes lhes emprestam e das significações coletivamente elaboradas que fazem dos agentes mais suportes de significação do que atores individuais (o que tem sido advertido pela metodologia estruturalista com tanto, e até demasiado vigor). O “real” que se apresenta ao investigador precisa ser “demonstrado” — ser passível do que chamamos em outro trabalho de uma *demonstração identificadora* (6) — não mostrado, para que a linguagem científica não reproduza as ideologias, valores, normas e universos simbólicos socialmente elaborados tal como se encontram e cujas “regras” de construção não são dadas espontaneamente ao observador que, delas, como qualquer dos suportes das relações sociais, nada sabe, ou sabe parcialmente, a ponto de ser impossível uma descrição teoricamente neutra de fenômenos relevantes para a ciência social. Na verdade, os eventos quando descritos são interpretados socialmente, em primeira construção, conforme a “lógica” das práticas eficientes das classes e grupos sociais. Importa que tais significados não sejam reproduzidos, porque tal pretensão, que uma descrição ingênua busca apresentar, está deformada; conseqüentemente, torna-se necessária uma descrição ativa, implicada pelas explicações científicas obtidas das relações dos conceitos e teorias com os universos de pesquisa delimitados por critérios que não podem ser dados, mas arbitrados. Esta relação ocorre de modo complexo através, como vimos, da intermediação técnica, que torna os fenômenos sociais tecnicamente elaborados segundo os diferentes recursos de investigação empregados. A razão que se exerce na atividade científica ocorre numa interação entre níveis de conhecimento científico: *universo de pesquisa, sistema tecnológico* (métodos e técnicas de pesquisa), *sistema teórico* (hipóteses, conceitos, esquemas conceituais e teorias) e *metateórico* (fundamentos lógicos, epistemológicos e ontológicos da ciência social).

---

(5). — Alfred Schutz, “Concept and Theory Formation in the Social Sciences”, 1953, in *Collected Papers*, vol. I.

(6). — José Jeremias de Oliveira Filho, *A Obra e a Mensagem. Representações Simbólicas e Organização Burocrática na Igreja Adventista do Sétimo Dia*, 1972, na Introdução metodológica do trabalho.

É importante ressaltar que o objeto ao qual se aplicam os conceitos e teorias são os universos de pesquisa e conseqüentes universos de disciplina, conforme estratégias construídas; assim, o processo em que se constitui a atividade científica passa a ser atingido, mesmo onde é julgado mais “empírico” e desprovido de pressupostos racionais, pelos produtos discursivos resultantes de práticas anteriores de investigação avaliadas como bem sucedidas pela comunidade científica.

## VI

Dentro de tal contexto intelectual as tarefas da metodologia das ciências sociais ocorrem de modo específico. As atividades de investigação empreendidas pelos cientistas sociais em universos de pesquisa e disciplina, na construção do seu objeto, se instauram enquanto e após o exercício da pesquisa em objeto da metodologia que tem a linguagem da ciência social como sua linguagem-objeto. O discurso metodológico aplicado sobre esta linguagem será metalingüístico. Teremos então, uma reflexão metasociológica, metapolítica, etc., conforme a natureza da linguagem-objeto sobre a qual se exerce. Em suma, a *metateoria hierárquica* (a expressão é de Madsen) (7) que estamos defendendo situa a metodologia teórica como disciplina metateórica que tem por objetivo fundamentar as teorias e os métodos e técnicas de pesquisa social. Os enunciados deste nível compõem os argumentos que tem por função a crítica e justificação possibilitadoras das decisões que permitam optar entre hipóteses, conceitos e teorias ou entre métodos e técnicas, alternativos. Sempre que o cientista social pretenda argumentar a adoção ou rejeição de conceitos ou teorias, preferirá enunciados metateóricos. Ao exercer a crítica e a justificação enunciará, através ou não de definições explícitas, os pressupostos filosóficos, epistemológicos e ontológicos, ou lógicos que fundamentam os processos de investigação social (por exemplo: o *status* das entidades teóricas, a natureza das leis e da causalidade científica, individualismo ou holismo metodológicos, reducionismo e dualismo).

Os processos de investigação social que associam sistema teórico, sistema tecnológico e universos de pesquisa, quando abordados pela investigação metateórica dotada de recursos lógicos, epistemológicos e ontológicos adequados, permitem gerar discursos metodológicos ou *reconstruções metodológicas*.

As reconstruções de processos de investigação como produto lingüístico de uma atividade metateórica, tornam-se possíveis pelo uso de

---

(7). — K. B. Madsen, “The Languages of Science”, 1970, in *Theory and Decision*, vol. 1, nº 2. Cf. Haroun Jamous, “Technique, méthode, épistémologie”, in *Epistémologie Sociologique*, nº 6, 1968, que procura investigar dentro de outra orientação.

um repertório *instrumental de época*, onde são selecionados os recursos lógicos, epistemológicos e ontológicos de trabalho intelectual, conforme a natureza dos processos aos quais serão aplicados e adequados. As propriedades dos processos de investigação selecionadas pela atividade reconstrutiva obedecem a critérios que são função do instrumental de época disponível utilizado. Os recursos lógicos, epistemológicos e ontológicos utilizados são função da natureza dos processos de investigação das ciências sociais consideradas. Uma reconstrução metodológica é adequada e significativa enquanto reconstrução metodológica de um determinado processo de investigação. A metodologia teórica tem, conseqüentemente, por objetivo efetuar reconstruções metodológicas e analisar descritiva e criticamente as reconstruções metodológicas existentes, clássicas e contemporâneas. Nos momentos de crise exercerá importante função reorientadora ao analisar hipóteses, conceitos, teorias, meios e fins da ciência social em questão, facilitando a elaboração de novos programas de investigação.

Sem cair em “metodologismo”, isto é, considerar que as ciências tem seus impasses resolvidos estritamente pela intervenção metodológica, tentamos especificar em que pode consistir esta disciplina estabelecendo, ainda que em linhas muito amplas, um programa de trabalho. As reconstruções metodológicas existentes tem peso normativo em relação às reconstruções futuras, são passíveis de reestruturação e podem ser abandonadas, dependendo das relações dinâmicas que mantiverem com os níveis da “experiência” científica e com o conjunto dos níveis teóricos, tecnológicos e “empíricos” nas várias etapas dos processos de pesquisa e da história das ciências sociais.

## VII

A expressão ‘fundamentos’ foi utilizada até aqui como nome do conjunto dos pressupostos lógicos, epistemológicos e ontológicos das atividades científicas de investigação. A noção de reconstrução metodológica apresenta as funções: a). — descritiva e b). — crítica, de intervenção e reorientação das estratégias de investigação. Realiza a explicitação dos fundamentos, em sua primeira função, empreendendo uma “etnografia” metodológica. De outro lado, aproximando a metodologia da teoria social, em preocupação mais epistemológica, classificamos os enfoques teórico-metodológicos que orientarão a pesquisa. Tais enfoques estão dotados de pressupostos “últimos” racionais da investigação social, os princípios e hipóteses que tendem a se estruturar, com maior ou menor grau de complexidade, com maior ou menor participação consciente do investigador empírico, a que denominaremos de esquema ou *esquemas-base* (esquemas teóricos de fundamentação), cuja natureza será definida pelos recursos lógicos, epistemológicos e ontológicos de que lança mão a atividade científica em de-

terminado momento de seu exercício e de sua história. É importante considerar que os referidos esquemas-base não se encontram explicitados para o cientista social em toda sua amplitude e que a participação consciente deste na construção de tais esquemas varia muito. Tampouco são exploradas todas as conseqüências metodológicas, teóricas e práticas dos esquemas existentes que sustentam as atuais investigações. Daí a possibilidade de reorientação das próprias reconstruções a partir de esquemas-base que operam em determinado momento da história da ciência de modo indireto, parcial ou descontínuo para com a atividade de investigação que deles se utiliza e os instaura.

Os esquemas estão dotados de uma “sintaxe” própria dos seus elementos, estão ou tendem a estar estruturados. Os esquemas-base de uma reconstrução podem ser, em outro momento, associados a outros esquemas pertencentes à mesma ou a diferentes orientações teórico-metodológicas de investigação. De outro lado, operam de modo normativo com respeito às futuras investigações, desempenhando importante papel na socialização simbólica dos futuros pesquisadores.

Pela comparação de diferentes reconstruções, criticamente elaboradas e mutuamente referidas, é possível apreender os limites das reconstruções com maior clareza. Tanto quanto em antropologia como em sociologia, é importante, em terreno metodológico, o uso do método comparativo.

## VIII

A nível metacientífico, o das reconstruções metodológicas de processos de investigação social, encontramos, além de termos lógicos (‘e’, ‘ou’, ‘se... então’, etc.), expressões conceituais que não tem por referente direto a nenhum dos níveis da atividade científica nem ao conjunto deles, são expressões que tem por função manter a coerência da reconstrução e pertencem ao esquema-base. Tais expressões são instrumentos lógicos e epistemológicos sem aplicação reconstrutiva direta ou imediata.

Outras expressões conceituais ainda são enunciadas nas reconstruções metodológicas, aquelas que se associam aos elementos externos ao esquema-base, preenchendo os requisitos semânticos da correspondência. É através dessas expressões que podemos efetuar o teste da adequação das reconstruções aos processos de investigação social.

Vimos que para investigar em metodologia efetuando análise descritiva e crítica das reconstruções metodológicas existentes na história da ciência passada e contemporânea, ou para elaborar reconstruções, é necessário utilizar determinado instrumental teórico-metodológico (epistemológico, lógico, ontológico), compatível com os problemas a

serem tratados. O trabalho com tal “instrumental” sobre o objeto em que se constitui a atividade de investigação, resultará em produtos que denominamos, até aqui, de reconstruções para salientar o seu caráter ativo, fruto de escolhas efetivadas sobre um repertório instrumental de época.

A diferenciação entre decisões “instrumentais” e a natureza dos objetos sociais constitui-se nos dois pontos extremos da nossa metateoria hierárquica. Os processos de investigação reconstruídos influenciam, também, como vimos, o caráter seletivo do “instrumental” de reconstrução. As reconstruções metodológicas possíveis dependerão das reconstruções metodológicas existentes nas ciências sociais.

Em qualquer dos níveis do conhecimento sociológico abordados restarão sempre, devido à seletividade enunciada, operações e informações da atividade científica não presentes nas reconstruções, ou presentes apenas parcialmente. Em alguns casos pode-se assinalar que estes aspectos apresentam-se distorcidos em determinada reconstrução. Reconstruções posteriores poderão corrigir, por aproximação, as distorções existentes, conseguindo-se, então, maior grau de adequação das reconstruções com os processos de investigação. Este é o caráter racionalmente aberto e sempre provisório das reconstruções metodológicas.

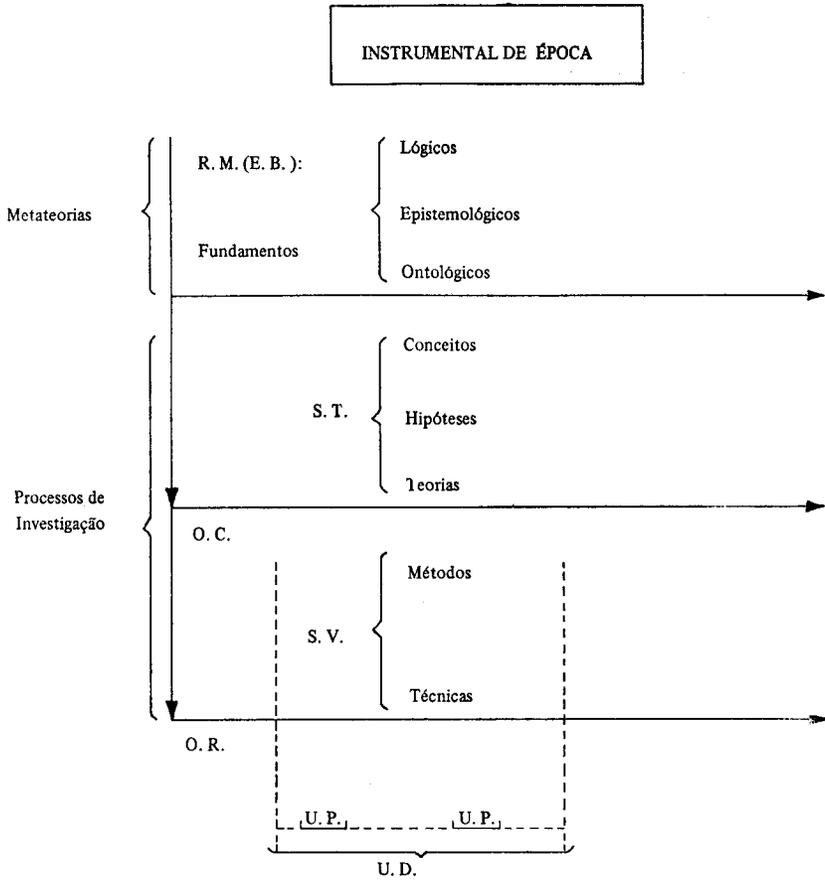
O que assinalamos anteriormente ocorre entre os níveis da atividade científica estudados, entre cada um dos níveis e o nível imediatamente superior. Temos, então, tentativas de aproximações sucessivas do “objeto” reconstruído, atividades que antecedem atividades que sobre essas se exercem, aproximações complexas entre níveis diversamente estruturados e reestruturados que interagem dinamicamente.

A ilustração abaixo facilitará ao leitor uma visualização do anteriormente dito, conquanto apreenda apenas didaticamente a argumentação.

## IX

As ciências sociais estão equipadas com várias estratégias de entrada na realidade social, muitas delas gerando reconstruções metodológicas bastante sofisticadas, sistemas lingüísticos obtidos sobre processos de investigação pela intervenção do “instrumental” de reconstrução.

Chamaremos de ‘fundamento da reconstrução metodológica’ ao instrumental lógico, epistemológico e ontológico que tende a se estruturar em esquemas-base. A metodologia construída através dos procedimentos apontados nas seções anteriores deste artigo assinala a impossibilidade de um discurso metodológico independente dos processos



R. M. : Reconstruções Metodológicas; E. B. : esquemas-bases; S. T. : sistema teórico; S. V. : sistema de verificação; O. R. : objeto real; O. C. : objeto construído; U. P. : universo de pesquisa; U. D. : universo de disciplina.

de investigação. A noção mesma de reconstrução pressupõe coerência interna e adequação com respeito aos processos. Mas nem todas as metodologias possíveis das ciências sociais existentes chegam a ser reconstruídas claramente. Assim, podemos classificar as metodologias em *implícitas* e *explícitas*: as não reconstruídas ou parcialmente reconstruídas e as metodologias reconstruídas.

Na estrutura de uma reconstrução metodológica de um processo de investigação ocorrem enunciados de diferentes naturezas. Podemos classificar os enunciados conforme as famílias de significado expressas, quanto à natureza dos problemas a que estão associados. As *expressões ou enunciados operativos*, estão associadas aos procedimentos de coleta e tratamento de informações sociais e são tratadas pela disciplina de métodos e técnicas de pesquisa social. Em segundo lugar, temos as *expressões conceituais*, que exprimem proposições, conceitos, esquemas conceituais e teorias. Tais expressões exprimem uma determinada concepção da natureza do mundo social relativas a um determinado contexto teórico-metodológico. São expressões que pertencem à disciplina didaticamente nomeada de teorias sociológicas. É comum os sociólogos restringirem as discussões metodológicas enunciando expressões apenas desta família.

Finalmente, deparamo-nos com as *expressões de fundamentação* que enunciam pressupostos racionais últimos dos procedimentos da investigação social, as regras da racionalidade científica (lógicas e epistemológicas) que configuram a estratégia de investigação ao nível meta-teórico das reconstruções metodológicas dotadas de estruturas ou esquemas-base de conhecimento sociológico. Estas últimas expressões permitem identificar os instrumentais teóricos da fundamentação, exprimem seus significados. Este é o plano mais importante da investigação metodológica e das decisões metodológicas entre alternativas metateóricas de orientação.

Existem lacunas sérias neste trabalho que não temos condições de sanar. Descrevemos relações entre elementos, os níveis do conhecimento sociológico, sem uma consideração mais detalhada da estrutura desses níveis. Tampouco aprofundamos a gênese do nível meta-teórico. Restaria ainda estudar a origem das reconstruções metodológicas considerando os processos de investigação enquanto organização social da pesquisa. Tais lacunas não poderão ser evitadas devido à caracterização metateórica das discussões até aqui levantadas a respeito dos produtos dos processos enquanto estritamente linguísticos.

Procuramos do modo acima mencionado evitar dois obstáculos que tem dificultado as investigações metodológicas: a submissão à normatividade rígida de uma metodologia geral que reduzisse a meto-

dologia das ciências sociais a um de seus possíveis casos; de outro lado, abandonamos as tentações de uma metodologia descritiva totalmente carente de “instrumental” lógico, epistemológico e ontológico que, confundindo a metodologia teórica com a descrição das técnicas ou a descrição dos conceitos e teorias, não se permita trabalhar com um mínimo de sofisticação metateórica.

Ao se tratar com processos de investigação de metodologias implícitas, a necessidade de instrumental de fundamentação torna-se gritante, sem os quais não se poderá gerar reconstruções metodológicas alternativas e, mesmo, analisar as possibilidades e limites da investigação social.

As metodologias explícitas das ciências sociais podem ser classificadas segundo dois critérios: 1). — reconstruções metodológicas elaboradas quanto ao critério de classificação da natureza dos processos de investigação social (por exemplo: funcionalismo, sociologia empírica, sociologia fenomenológica, etnometodologia, estruturalismo, sociologia dialética); 2). — reconstruções metodológicas classificadas quanto ao instrumental lógico, epistemológico e ontológico de fundamentação (reconstruções metodológicas de fundamentação analítica, reconstruções metodológicas de fundamentação dialética, reconstruções metodológicas de fundamentação hermenêutica e reconstruções metodológicas pluralistas que são resultantes de relações triádicas ou diádicas entre as anteriores).

As reconstruções metodológicas explícitas, quanto aos agentes, podem ser construídas por cientistas e filósofos individualmente ou pela contribuição segmentária de um grande número de especialistas, o que se tem observado como tendência mais recente. As metodologias implícitas de processos de investigação podem ser passíveis de reconstrução ou tratar-se de novas estratégias teórico-metodológicas de investigação em fase de implantação.

## X

O exame da questão metodológica nas ciências sociais tem refletido a diversidade dos enfoques com que se tem colocado os seus problemas à reflexão científica em todos os seus níveis. Tal diversidade torna inadequadas as reduções quer à metodologia das ciências formais, quer à metodologia das ciências empíricas não históricas e sociais. Serão, por isso, menos científicas e objetivas as disciplinas sociais? Será possível uma metodologia das ciências sociais totalmente independente das metodologias das ciências formais e empíricas não históricas e sociais?

Trabalhando com a noção de reconstrução metodológica não teremos problemas com a diversidade teórica e técnica das ciências sociais. As questões assinaladas parecerão a alguns cientistas sociais falsos problemas do ponto de vista de um “pragmatismo” ingênuo. Outros se demitirão do tratamento de tais questões por achá-las “abstratas” e “filosóficas”. Porém tais questões tornam-se cada vez mais decisivas para o investigador que não pretende abdicar da racionalidade da fundamentação que está pressuposta na diversidade de enfoques, métodos e escolas de ciências sociais. Assumir as decisões de uma estratégia de investigação, a seletividade das soluções e o conhecimento do conhecimento sociológico quanto for possível é tarefa que não se restringe aos especialistas em metodologia. A menos que o cientista social se limite à adoção ingênua das tradições de pesquisa, dos esquemas conceituais, das teorias, dos modelos e técnicas. Evidentemente, a adoção de procedimentos padronizados é importante na socialização dos iniciados na comunidade científica. Entretanto, sem os riscos dos procedimentos de descoberta e uso da imaginação sociológica levada a todos os níveis da investigação social, não haverá a possibilidade de uma abordagem científica dos fenômenos sociais.

Podemos dizer que as ciências sociais sofrem de uma ambigüidade necessária: sua metodologia necessita apresentar os requisitos próprios de qualquer ciência, caindo, sob uma metodologia geral como sintaxe e semântica da linguagem científica; e, de outro lado, precisa especificar metodologia própria atendendo à natureza dos processos sociais e das investigações sociais. Esta ambigüidade está presente nos dois critérios de classificação das reconstruções metodológicas antes mencionados.

A função reorientadora da metodologia teórica permitirá importantes intervenções na atividade científica das ciências sociais. A metodologia não pode ser um luxo intelectual de cientistas diletantes ou de filósofos cientificamente ilustrados. Ao assinalar o seu valor “instrumental”, enquanto determinado nível de prática, a que uma reflexão metodológica pretende fundar, salientou-se a importância de tornar explícitas as justificações e críticas em torno das decisões que fazem os cientistas sociais entre técnicas, teorias e metateorias alternativas. Resta saber se as visões alternativas da caminhada e o caminhar não se impedem, conquanto se diferenciem. Em todo caso, as relações da reflexão metodológica com a atividade de investigação, os processos a serem reconstruídos e fundamentados, da qual, na verdade, é parte, redundarão nos vários modos de “existência” do seu objeto, uma complexa nunca imediatamente dada, a ser demonstrada e que tem por gênese e processo o imprescindível caminho da morfologia e da crítica.